

UMA HISTORIA DE SERTÃO

O MUSICAL

CENA 1

PROLOGO – NARRAÇÃO

CORO

“Eu me lembro bem como essa história começou... foi num lugar, lá pelas paragens de um sertão vermelho, numa baixada onde cactos prateados cresciam, bem no meio de uma vila de casinhas coloridas desbotadas pelo sol, nasceu nosso herói. Um nordestino como tantos outros, de sonhos gigantes e alma maior ainda. Aprendeu a ler ainda pequenino, através dos livros herdados de seu padrinho, a quem nem chegara a conhecer. Queria viver as aventuras fantásticas apresentadas a ele pelos vários livros, e quando o menino virou homem, como tantos outros retirantes, partiu de sua terra em busca de conquistar o seu sonho, um sonho tão grande que nem ele mesmo sabia dizer qual era...”

CENA 2 – INICIO DA JORNADA

ANDARILHO E MÃE

MÚSICA: ESTRADA DE PÓ DE OURO

ANDARILHO

Garrafa de água, caneco herdado do pai

saco de pano, um lençol bordado a mão

E um retrato da mãe

Eu vou pelo mundo descobrir meu passo

Serrar meu compasso fazer minha história crescer

Deitar às estrelas, ouvir o luar

Beber das nascentes, me desenrolar

Fazer amizades, seguir meu destino

E me aventurar, eu vou já, eu vou já

Nessas estradas cobertas de pó de ouro

A felicidade acredito que vou conquistar

Eu vou encontrar um grande tesouro

Minha mãezinha há de me abençoar

Do seu amor eu faço escudo e nunca hei recuar

MAE

Filho, leve contigo esse medalhão.

Ele é sagrado coração de Jesus.

Antes de morrer seu pai deixou para te proteger.

Carregue-o grudado no peito e confie,

Deixe a fé lhe guiar por onde for, te abençoo

ANDARILHO

Nessas estradas cobertas de pó de ouro

A felicidade acredito que vou conquistar

Eu vou encontrar um grande tesouro

Minha mãezinha há de me abençoar

Do seu amor eu faço escudo e nunca hei recuar

Eu vou já, eu vou já

CENA 3 - DESPEDIDA DA MÃE (O NASCER DA FLOR DE IR EMBORA)

MAE (*eles não contracenam*)

Andarilho caminha pela estrada. Acomoda-se ao chão com o cobertor que levava. Simultaneamente sua Mãe canta de saudade em outro ambiente

MÚSICA: SEMENTE DE AMOR

MAE

No dia em que nosso filho nasce

Nasce também em nós

Um amor tão grande

E a gente só deseja

Que a criança cresça

E seja bem feliz e forte

Toda mãe presente

Quando é chegada a hora

Do filho partir

E trilhar seu caminho

Longe do seu ninho

Pra se completar

No dia em que meu pequeno

Seguiu por essas bandas

Sertanejas

Meus olhos inundaram

E deles gotejaram

Semente de amor

Que adubou o solo

E nele fez brotar

Uma singela flor

A flor de ir embora

Roseira menina

De pétala incolor

“Que Deus te proteja meu filho, e que você encontre o que tanto busca”

CENA 4 - BIFURCAÇÃO

ANDARILHO

Amanhece. Andarilho come algo. Observa a paisagem. Começa a caminhar. O caminho bifurca em dois. Ao longe ela avista uma velha senhora triste, que vem por um dos caminhos.

MÚSICA - BIFURCAÇÃO

ANDARILHO

Amanheceu, raiou o dia

E nesse dia eu vou tentar ser bem melhor

Do que foi ontem, e anteontem, deixe estar

Pois nesse dia vou ser mais, bem mais melhor do que já fui

Eu vou seguindo o meu caminho a passos largos

Eu sou guiado pelo sol que nos corrói

E pela fé no futuro mais presente

Que toda essa gente seja um rei em seus atóis

Mas olha vejam, o que ocorre

Minha estrada de repente virou duas

Por onde sigo, azar ou sorte?

Qual o caminho escolher nessa difusa?

Mas olha vejam, Alguém vem lá

Talvez amiga que me ajude a
escolher

Parece ela, tão solitária

Uma mulher que parece se esconder

O que carrega, por entre os trapos?

Será que foi o caminho que
percorreu?

Que lhe deixou, tão em pedaços

Só há um jeito dessa história resolver

CENA 5 – A VELHA SENHORA (TRISTE)

ANDARILHO E A SENHORA

SENHORA – ô seu moço, pra que lado que eu vou?

ANDARILHO – A senhora não sabe pra onde tu vai?

SENHORA – E alguém sabe pra onde finalmente vai, meu fio? Se eu soubesse nem pra aqui eu vinha. Só sei que vou em busca dum destino, mas nem sei ao certo qual que é. Devia ter feito isso quando ainda era rapariga, assim, feito tu. Esse meu peito tão pobre sofre ainda por ter desistido de encontrar o que me fartava. E hoje, tô aqui, sem saber pra que lado eu vou.

ANDARILHO – Eu também tô em busca de abarrotar esse vazio que carrego aqui dentro. Saí de casa não tem muito tempo, mas parece que o tempo nos prega peça, e me faz crer que tô na estrada a mais tempo do que pode parecer.

MÚSICA: PRA QUE LADO EU VOU?

SENHORA

Meu rapaz, pra que lado eu vou?

Parece um esperto e sagaz, me diga:

Pra que lado eu vou?

Procuo alguém que responda,

Me diga que encontrou

A resposta da questão:

Pra que lado eu vou?

Se eu soubesse pra onde ir,

Talvez, nem aqui teria vindo

So sei que eu busco meu destino

Mas eu não sei pra que lado eu vou.

Quando menina, tranquei-me em mim

Não tive a coragem de investir

Numa aventura, saindo de mim

Pra encontrar o que falta aqui

Feliz de você, que decidiu cedo

Seguir tua estrada, vencer os seus medos

Eu decidi tarde, e aqui estou

E pergunto a você:

Pra que lado eu vou?

ANDARILHO – Se me fizer outra pergunta, talvez eu possa até responder. Mas essa de pra onde ir, não vou saber. O que a senhora carrega dentro dessa caixa, pode dizer?

SENHORA – Nada sei sobre seu conteúdo. Quem me deu, dias atrás nessa caminhada, vinha de outra direção da estrada e me disse pra abri-la quando estivesse eu mais precisada. (Sai)

CENA 6 – O SANTO DA CAVERNA

ANDARILHO, AS REZADEIRAS E O SANTO

Andarilho avista um enorme paredão e segue em sua direção, chegando a uma serra, onde avistou uma procissão subindo o monte.

ANDARILHO – Vixe, nossa senhora! Será que aquilo lá é visão? Meus olhos tão me enganando? Não parece “visage”, não. Tem um “povarel” indo em procissão. Elas devem saber que rumo tomar nessa vida. Vou eu na mesma direção.

Andarilho se aproxima de duas rezadeiras.

ANDARILHO – Boa tarde senhora. Pra onde é que vão?

REZADEIRA 1 – Vamos de encontro ao santo da caverna.

ANDARILHO – Santo da caverna?

REZADEIRA 2 – Home sábio.

ANDARILHO – Ele mora naquela caverna, no topo do monte?

REZADEIRA 1 – Seu corpo sim...

REZADEIRA 1 – Mas tua alma vagueia...

MÚSICA: SANTO

REZADEIRAS 1 E 2

No alto do monte

Sentando num canto

Há um santo homem

Que cura os enfermos

Que traz esperança

Não bebe, nem come

Sempre existiu

Imóvel na pedra

O homem de fé

Que fala o que deve

Que as vezes cala

Que sabe quem é

Ao seu redor nascem flores
coloridas

Que perfumam e decoram sua casa

La as velas duram para sempre

Lá o tempo também não passa

Esse santo cura as dores dessa
vida

O seu toque poderoso nos acalma

Não tem nome esse santo da colina

Ele existe pela nossa esperança

Andarilho se vê um homem no meio da caverna e se aproxima para falar, mas antes que pudesse fazê-lo, o Santo lhe diz:

SANTO - Meu filho, tua busca nessa vida é coisa mais bonita do que qualquer outra que há. Tudo que tu precisa, tudo que tu carece, tá num só lugar que eu não posso indicar, pois é tu seu próprio indicador. Não tem remédio pra te fazer chegar lá. Quando arribar dessa caverna, abra os olhos bem abertos, procure na caatinga um brilho incerto e o seu coração lhe levará onde deve finalmente se aquietar.

Andarilho virou-se por um instante, percorrendo a visão no horizonte, e avistou no meio da mata seca uma luz.

ANDARILHO – Vejo lá distante uma luzinha pequenina. Obrigado Santo Homem. Seguirei seu conselho e me aventurarei no meio da caatinga que banha esse sertão.

CENA 7 – A CANGACEIRA

ANDARILHO E A CANGACEIRA

ANDARILHO – Esse céu me queima a “mufa”. Nenhuma nuvem pra cobrir o sol. E essa fome de tudo que não finda em mim. Eis aqui meu último taco de pão. Se não achar meu destino logo, certamente ele me achará...

O pensamento de Andarilho é interrompido por um estouro de bala, e de dentro da mata uma cangaceira surge em sua direção.

CANGACEIRA – Diga logo forasteiro: O que vem fazer nessas bandas daqui?

ANDARILHO – sigo um caminhar sem direção certa.

CANGACEIRA – essa terra tem dona e vou logo avisar: ninguém pisa nesse chão sem morrer ou sem pagar.

MÚSICA: CANGAÇO NOBRE

CANGACEIRA

Eu sou a mulher retada, criada dentro mata, das terras desse sertão
Vivo de tocar coragem, mulher dona da verdade, Lamparina Lampião

ANDARILHO

Eu sou um cabra criado, das paragens do cerrado, do lado da minha mãe
Do meu pai trago no peito, destemido e guerreiro, sobrenome varonil

CANGACEIRA

Olha que cabra ousado, levantou num só compasso, num instante já de pé
Tem que me olhar de baixo, não ouse ser atirado, me respeite sou mulher

ANDARILHO

Não quero faltar com honra, mas respeito se conquista, não se pode exigir

Essa terra é de todos, não tem dono que me mande dar as costas e partir

CANGACEIRA

Escolheu o seu destino, cabra valente e franzino, tenho pena de matar

Poucos homens de coragem, encontrei nessa paragem, vou deixar você passar

ANDARILHO – Lhe agradeço a bondade.

CANGACEIRA – Né bondade, não, seu “muquifo”. Sem água e sem comida, tu não dura muito na caatinga. E se acaso durar, e eu te encontrar de novo, eu mesma te estripo. Agora se adiante. Vamos, anda... arreda o pé daqui!

Andarilho obedeceu e continuou sua jornada. Está abatido e fraco sob o sol escaldante.

CENA 8 – MORTE DE ANDARILHO

ANDARILHO

MÚSICA - DESOLAÇÃO

ANDARILHO

Eta, calorão arretado! E esse mormaço que sobe do chão
Parece que me cozinha de baixo pra cima, a assar o pão.
Invade minhas entranhas, é bafejar de Ferrabrás.
Um calor bravo das quintas, que me agonia como satanás.
O sol batendo na cabeça por horas a fio, mas ela não tava errada, não.
Sem um gole d'água pra molhar a língua o meu destino afina em contradição
Cansaço, sede e fome a bater na porta, o braseiro torra a percepção
É miragem o que se forma a frente, ou no destino sinto a desolação?
Lá no alto o carcará cismado, espera apressado eu tombar ao chão
Parece que me vigia, com a simpatia de quem quer o pão
Avista minhas entranhas, é aliado de Farrabrás
Espera o meu vacilo, para eu ser comido pelos animais
O sol batendo na cabeça por horas a fio, mas ela não tava errada, não.
Sem um gole d'água pra molhar a língua o meu destino afina em contradição
Cansaço, sede e fome a bater na porta, o braseiro torra a percepção
É miragem o que se forma a frente, ou no destino sinto a desolação?

Andarilho foi enfraquecendo e finalmente cedeu ao sono e cansaço. Morreu ali, naquele entardecer sertanejo...

CENA 9 – O ALÉM

ANDARILHO E A MORTE

Andarilho num sobressalto levanta. Olha em volta. Se vê pisando em nuvens.

ANDARILHO – Oxi, mas que negócio é esse? Não, não e não!! Não aceito bater as bota assim. Prometi a mainha que ia seguir o meu caminho até achar o meu destino e não aceito que meu destino seja morrer no meio do caminho. E quem acendeu incenso? Olha o fumacê aqui ta demais, viu? E que porta esquisita é essa? Não, não entro em porta nenhuma de lugar nenhum que eu não conheça. Eu quero uma audiência com alguém que me tire daqui! Estão me ouvindo? Quem é que comanda isso aqui?

MORTE – Mais um infeliz que não aceita que a sua hora chegou. Vamos logo, traste, trate de passar por essa porta que eu tenho outras pessoas pra receber. *(tentou guiar Andarilho através da porta, que recusou)*

ANDARILHO – Epa-rê, alto la cidadão! Quem é vossa senhoria que me empurra?

MORTE – Mas ora veja so! Então o vossa excelência não tem a decência de me reconhecer?

ANDARILHO – Eu nunca vi bicho mais feio nessa terra!

MORTE – Pois bem, sou a pura eternidade, a quem você chama de Morte.

ANDARILHO – Sai pra lá bicho ruim, que minha hora não chegou.

MORTE – Chegou e já ta atrasado. Agora, se me permite *(tenta novamente atravessar Andarilho pela porta)*

ANDARILHO – Pois bem, quem decide se é hora ou não é hora não deve ser a senhora. A senhora tem cara de pau mandada. Quero audiência com quem manda de verdade.

MORTE – Mas que petulância! Olha, não tenho tempo pros seus lamentos.

ANDARILHO – E quem disse que eu vou me lamentar, minha senhora? Eu quero é resolver agora mesmo a minha volta la pra terra dos vivos. E se minha historia não puder ser resolvida, aqui na porta do ceu eu fico!

MORTE – Encare pelo lado positivo...

ANDARILHO – Pois eu quero audiência com Santo Espedito!

MORTE – Mas o que??!!

ANDARILHO – O santo das causas impossíveis. E se nem ele puder resolver, peço audiência com o Pai Criador.

MORTE – Seu moleque matreiro safado, minha vontade é dar em você com meu cajado, mas creio que isso de pouco adiantará, afinal, já ta morto mesmo? Mas sabe o que mais? Há coisas piores do que a morte nessa existência. E você vai aprender isso da pior maneira, satisfaço seu desejo e lhe mando de volta pra terra, pra cumprir sua penitencia.

CENA 10 – CARCARA

ANDARILHO E O CARCARA

O Carcará se aproxima e cutuca Andarilho. Eles então duelam pela vida

MÚSICA – O CARCARÁ DO SERTÃO

CARCARÁ

Águia sorrateira filha do sertão

Lutando pela vida na paragem seca

Peixeira afiada ave sertaneja

A molhar o bico nas carcaças secas

ANDARILHO

Homem nordestino que venceu a morte

Não se faz de fraco pra salvar a vida

Nem entrega o destino a sonhada sorte

Luta destemido, segue sua sina

CARCARÁ E ANDARILHO

Ganha quem tiver mais garra pra viver

Debaixo desse sol num balé feroz

Bico, dente e pena, para resolver

Quem tomba e quem consegue a vida pertencer

“CARCARÁ PEGA, MATA E COME”

Cansado, ferido e vivo. Andarilho venceu a luta.

CENA 11 – CAMINHADA

ANDARILHO

ANDARILHO – Se eu morrer, dessa vez não tem como voltar. Além da dor no estomago agora tenho também feridas na carne. Mas sigo. Sigo em frente até não poder mais. Vejo uma luz. Está distante, mas se eu conseguir lá chegar, ganho mais uma chance de vida.

MÚSICA – CAMINHADA SERTANEJA

ADARILHO

Sigo na jornada, deixando pegadas, como todo homem faz

Vou na caminhada, tomando porrada, sem olhar pra trás

Seguindo comigo carregando a fé por onde quer que eu vá

Labutar a vida, sarar as feridas, me reconfortar

Labutar a vida, sarar as feridas, me reconfortar

A tapera de barro, teto de sisal, lampião aceso

Retrato de nordeste, refletido em todo povo brasileiro

Guiado por estrelas que conhecem meu suor verdadeiro

Cheio de coragem, feito de aventuras, homem sertanejo

Cheio de coragem, feito de aventuras, homem sertanejo

Andarilho cai a beira da tapera.

CENA 12 – NOSSA SENHORA

ANDARILHO E NOSSA SENHORA

Nossa senhora sai da tapera e consola andarilho

N. SENHORA – Bem vindo seja, meu filho. Como posso eu lhe servir?

ANDARILHO – Estou com muita fome, sem comer não poderei meu caminho prosseguir.

N. SENHORA – Sou uma pobre viúva solitária com apenas um último pão de milho assando no forno de lenha. Mas jamais deixarei que quem a mim venha, com fome e necessitado, fique ao relento largado nessa terra para morrer...

MÚSICA - MÃE

NOSSA SENHORA

Chegue mais, se quem vier for de paz, chegue mais

A porta vai ta sempre aberta, venha mais

Bem vindo seja como posso lhe servir?

Venha em paz, descansar o seu suor, meu rapaz

A tanto tempo eu ouço a tua voz, muito atrás

Bendito seja por ter chegado aqui

Eu pobre viúva, sei bem o que é sofrer

Mas lhe ofereço esse pão para comer

E acalmar a fome que carrega em si

Quem vem até mim eu preciso receber

Lhe dou conforto, também agua pra beber

Não tenho muito mas tenho fé pra repartir

ANDARILHO – Lhe agradeço muito, senhora. Mas não quero tirar seu último bocado. Vejo que é tão pobre como eu...

NOSSA SENHORA – Bons olhos treinados podem ver além da pobreza que se apresenta. Há muito mais riqueza nessa terra do que podes, tu, imaginar. Riquezas tão grandes escondidas em cada brincadeira de menino, em cada cantiga de roda, em cada beijo sob as estrelas. Riquezas guardadas no tempo, um tempo há muito tempo esquecido pelos homens. Quando era mais importante a palavra do que o papel. Quando grandes pessoas eram reconhecidas não pelo que tem, mas pelo que são. E se olhar com cuidado poderá ver a riqueza na sombra do juazeiro. Basta estar aberto para encontrar em seu destino algo diferente do que imaginou. Bem, sei que sou só uma velha viúva, mas se aceitar um presente, eis aqui o mais precioso que poço lhe oferecer, um conselho: Siga na luz a sua sina.

ANDARILHO – Obrigado senhora. Não esquecerei o que fez por mim. Salvou a minha vida de muitas maneiras hoje.

NOSSA SENHORA – então vá, siga em paz, da mesma maneira que aqui chegou... e quando lhe pedirem teu sagrado coração, dê, sem hesitar.

Andarilho se despediu solenemente e saiu.

CENA 13 – CAMINHADA 2

ANDARILHO E CORO

Andarilho caminha sem rumo certo.

MÚSICA – CORAGEM NORDESTINA

CORO

Nesse sertão onde a fome se mata e mata

Na mata, na mão a caça, caçada desolação

Nesse destino, mantendo sonho menino,

Despido de desatino, trilhando passo no chão

Nesse pedaço que pede torrente aço

Navalha desembaraço lagarto trazido a mão

Pelo rapaz que se perde entre a caça

Transmutado vira nada, prêmio de consolação

Esse rapaz, que já foi homem voraz

Hoje não é nada mais que bicho desse sertão

ANDARILHO

Aquela montanha outrora azulada,

Agora a beira da estrada vem como aparição

Acima nuvens brancas lapidam o céu

Eu abraço o vento amigo que vem me tocar ao chão

E movimenta o meu imaginário, fala de cenários ricos do sertão

Para descobrir o melhor tesouro, dentro da caatinga é só olhar pro céu

E lá vera o sorriso amigo, estrelas da noite a cantar cordel

CENA 14 – GÊMEOS NASCIDOS

ANDARILHO, GRAVIDA E PARTEIRA

Uma mulher corre em direção a Andarilho.

PARTEIRA – Seu menino você foi do céu enviado! Que pra Deus bençoar esse parto a moça lá dentro precisa ter o sagrado coração de Jesus na mão segurado. Isso aqui agora no ouvido me foi avisado.

ANDARILHO – Pois aqui está, pode levar! (Andarilho entrega sua corrente)

A parteira entrega o sagrado coração de Jesus a grávida e a ajuda no parto.

PARTEIRA – Vamos mulher, empurra o bucho pra criança nascer. Há de ser rei esse moleque, ou princesa desse mundo todo. Anda mulher, faz força “pro” mundo ver esse rebento aparecer coroando “prum” mundo novo. Já dá pra ver, o menino ta quase na mão, joga ele pra fora, é só mais um empurrão. Chegou, e vai se chamar Damiao...

Eta, meu pai, não descansa não mulher, porque tu foi agraciada, tem outro vindo na cola. Agora é hora, respira, faz força pra baixo, já dá ver o danado, surgindo pra esse mundão. É o irmão, tão forte quanto é Damiao, e vai se chamar de Cosme, como manda a tradição.

Isso é sinal de fortuna, de riqueza, de boa sorte. É vida longa, felicidade, não chore, isso é amor sem limitação. Você acaba de dar a luz aos gêmeos Cosme e Damiao.

GRÁVIDA – Obrigado senhora, chegou bem na hora a minha porta, meu marido morreu sem poder os filhos conhecer, você foi minha salvação.

PARTEIRA – Mas eu nada fiz, só escutei e repeti, Deus que trouxe esse aqui, com o sagrado coração.

GRÁVIDA – Que Deus te “alumeie” os caminhos. Que te proteja dos desatinos e que tu seja recompensado. Minha vida estava triste, seu moço, mas agora, com esse parto abençoado, volto a ter esperança de novo. Duas criança vieram onde só se esperava uma, isso deve ser milagre planejado, deus que guiou seus passos, na trilha desse sertão

ANDARILHO – Fico feliz por poder ter ajudado, mas não carece de obrigado, não. Não fiz mais que minha obrigação de atender a um pedido chegado, de uma senhora aflita, por medo de algo dar errado. Não sei se sorte ou milagre se sucedeu de eu ta nessas bandas na hora certa, mas de certo mesmo creio eu que se deve fazer uma promessa, porque foi Nossa Senhora que conheci na tapera, que mandou na direção certa.

PARTEIRA – Tome de volta o seu forte tesouro (devolve a ele o medalhão), o leve grudado ao peito como se fosse ouro.

ANDARILHO – E agora me despeço, desejando vida longa e farta pra essas crianças danadas, que acabaram de nascer. Desejo sorte e coragem, porque nessas paragens, é preciso ser forte pra vencer.

CENA 15 – O ANJINHO MORTO

ANDARILHO, CORO E PAI

MÚSICA – PAISAGEM AGRESTE

CORO

Naquele leito seco do rio, onde uma velha ponte dorme

Só ficou areia afofada, espinha prateada

Que reflete o sol

Por toda a extensão sem vida, tem muita pedra colorida

Que enfeita o lugar que passa os homens dessa estrada

Se vestem de pó

Pedras verdes, rosas, matizadas, astro rei a alumiar o chão

O rapaz consegue ver beleza, nessa natureza

Que forma o sertão

ANDARILHO

Onde se acredita encontrar apenas o vazio, onde muitos só conseguem ver tristeza, é capaz de haver muita riquezas, escondida aos olhos dos pobres desatentos. Tem formosura onde só se vê aridez. Alegria e tristeza, horror e beleza são partes unidas da mesma jornada.

CORO

Do outro lado desse rio seco, há um homem com uma pá na mão

Ele segue a chorar baixinho, ergue e desce a pá

A cutucar o chão

Sobre a pedra ao lado desse homem, uma caixinha chama a tenção

Nela habita o corpo do anjinho, que nasceu sem vida

E foge do sertão

Se num lado do rio da vida, existe festa e animação

Do outro lado da história seca, se encara o fato

Da desolação

São nuances da mesma jornada, vida e morte a dividir o pão

A cercania segue atinada e limitar o homem

Nordestino é vão

PAI

A morte, meu fio, é a passagem pra um lugar bem melhor. Mas aqui quem ficar vai se sentir tão só que o pensamento de partir toma o peito. Tive sete fios, mas só um que viveu. E ele também teve sete, mas não conheceu nenhum. Tudo partiu ainda na mocidade. E de tanta tristeza meu fio não resistiu, e morreu de desolação. Esse rebento que entrego na terra hoje, era tudo o que restou de mim. Me ajuntei com uma rapariga nova, mas acho que minha sina é mesmo viver só. A tinhosa da morte vive na minha cola, só esperando pra abocanhar mais uma alma inocente. A minha mesmo, ela nunca quis. Parece que sente prazer em me ver infeliz.

Andarilho abraçou o pai de luto e partiu.

CENA 16 – O BANDO DE PEIXEIRA DE PRATA

ANDARILHO, PEIXEIRA DE PRATA

PEIXEIRA DE PRATA - Olha só o que o destino nos trouxe, meu bando. Um moleque sozinho perdido nessas terras. Ta olhando o que? Passa logo tudo o que tem, que agora é tudo meu. Por acaso nunca lhe avisaram que eu sou o dono dessas bandas? Eu sou peixeira de Prata, descendente de Virgulino Lampião, o rei do cangaço.

ANDARILHO – Tá pra nascer homem que me faça ajoelhar.

PEIXEIRA DE PRATA – Oxi, oxi, oxi. Você é muito desenxabido, seu moleque. E por isso lhe farei um favor: com uma só bala vou deste mundo te tirar, porque homem de coragem não merece morrer devagar. Vamos, escolha logo onde a bala certa vai lhe acertar.

ANDARILHO – Pois se é pra morrer que seja acertado meu peito, onde guardo o amor verdadeiro e coragem par caminhar. Morro satisfeito, sem pedir clemencia a um bandido sorrateiro.

PEIXEIRA DE PRATA – “Disgramado” dos infernos, nunca vi por aqui tamanha ousadia, não sei se é burrice ou pura valentia. Mas o certo é que tu é mais macho que muitos dos que me seguem, e por isso eu mudo a minha proposta: ao invés de bala no peito, te dou chance de entrar pro bando de Peixeira de Prata, tu será meu cangaceiro e nunca lhe faltará nada.

ANDARILHO – Pois eu preferia minha mãe morta a ter que ver seu único filho virar bandido. Prefiro meu sangue nessa terra derramado antes de ter nas mãos dinheiro manchado. Pois pode atirar no meu peito, seu bandido descrente, que será um favor, vou morrer contente.

A bala acertou em cheio o peito de Andarilho, e seu corpo despencou ao chão...

CENA 17 – DE NOVO O ALÉM

ANDARILHO, MORTE, CORO

Das brumas do além surge A Morte.

MORTE – Finalmente eu posso levar esse danado. So de morte matada pra embarcar com esse moleque ousado. Se bem que pra mim pouco importa se foi morte matada ou se foi morte morrida, minha sina é carregar o defunto daqui pra outra vida. *(A morte pega Andarilho pelo pé e tenta arrastá-lo, sem êxito)* Oxi, Mas que diacho se “assucedo” aqui? Esse danado acaba de “bater as botas” de morte matada, eu tudo vi. Por que a alma não desgruda desse infeliz? *(Andarilho dá um suspiro de vida).*

CORO – Não fique espantada não, mas se olhar com cuidado e atenção, verá que o tiro certo não acertou seu peito e sim o Sagrado Coração.

MORTE – Mas o que?! Então esse “desinfeliz” não vai desencarnar ainda? Será que é essa a minha sina? Ver esse “estrupeço” num eterno morre, não morre, me deixando com cara de bode? Pois eu vou levar essa alma, nem que pra isso eu tenha que dar um golpe.

CORO – Não quero lhe faltar com respeito, ilustríssima Morte, mas vossa senhoria sabe bem que uma bala ricocheteada do peito, é muita sorte.

ANDARILHO – Ai... *(tentando se erguer)*

MORTE – Não ouse tentar levantar! *(empurra Andarilho de volta ao chão)* Sua alma a mim pertence e tô aqui pra cobrar!

CORO – Segundo rege o regulamento do ingresso na vida pós-morte, é necessário que o vivo tenha morrido, que tenha dado seu último suspiro, pra alma dele você levar. Caso contrário o vivente permanece vivo, mesmo sendo ele descrente do que tenha ocorrido, não se pode a alma do desprovido a senhora reclamar.

Andarilho tenta novamente se erguer mas não consegue. Sente um peso sobre seu peito mas nada vê, são sabe que é a morte lhe empurrando para baixo com os pés.

MORTE – Eu mesma criei as regras da desencarnação, não precisa você me ensinar a tabuada. Mas por logica brasileira, toda regra existe pra ser quebrada. Uma leve quebradinha de decoro não faz mal a ninguém, podemos acertar um acordo que beneficie a todos: vocês voltam pra cima sorrindo e eu levo a alma desse menino.

CORO – Lamento informa que sua proposta foi recusada, talvez funcione em outra ceara, mas no nordeste brasileiro, esse povo arretado, ensina ao pais inteiro, que a melhor recompensa é ser honrado. E fazendo jus ao coração sertanejo, peço que a senhora desapegue desse cabra, porque sua história inspiradora ainda não terminou de ser contada.

Andarilho finalmente consegue se levantar. A Morte sai enfurecida. Andarilho toca o peito e vê o medalhão amassado.

MÚSICA – OS MISTÉRIOS DESSA VIDA

ANDARILHO

Tantos mistérios os mistérios guardam

Nas perguntas confusas da vida

Trazem resposta muito confundidas

Narrando uma história muito bem vivida

CORO

Milagres existem para ser vividos

Vividos milagres muitas vezes vivos

Entre os descrentes e os crentes cativos

Seguem na labuta o homem nordestino

ANDARILHO

*Vejo que a noite ruboriza o ceu
Mostrando os dentes das nuvens vermelhas
Passarinhos piam e arribam poleiro
Devo eu também deitar no travesseiro*

CORO

*Deite meu valente, bravo Andarilho
Porque nessa noite as estrelas vem
Lhe presentear com um belo destino
Que merece só a quem pratica o bem*

CENA 18 – A VOLTA DA VELHA SENHORA

ANDARILHO E A SENHORA

Andarilho desperta assustado, ao ouvir passos. Ele revê a Velha senhora, que agora está feliz e seus trapos tornaram-se um belo vestido...

VELHA – Mas veja se não é o menino andarilho do sertão.

ANDARILHO – Eu a conheço, pois não?

VELHA – Talvez lembre de mim em trapos fedidos, semblante caído, sem saber onde ir. Mas retornei de minha jornada, e hoje mais animada me reapresento a ti.

ANDARILHO – A velha senhora da estrada, que não sabia onde ir.

VELHA – Agora sou outra pessoa, mulher segura de mim.

ANDARILHO – Então sua busca deu certo, encontrou o caminho correto, findou de vez a jornada.

VELHA – A jornada nunca se finda, ela faz parte da vida, e existe pra ser praticada.

ANDARILHO – me conte então qual segredo, qual o caminho verdadeiro pra encontrar meu destino?

VELHA – Pois deixe de desatino, seu menino arretado, antes de achar o que busca precisa traçar bem traçado, o caminho mais sensato pra direção do que quer. Seja homem, seja mulher, todo mundo tem uma sina, eu sempre soube desde menina, tem que saber o que se quer. Apontar os passos pra direção certa, saber quando acelerar e quando aceitar e “lezer”, saber encarar um briga ou apreciar nossa beleza, são partes da jornada da alma sertaneja.

MÚSICA: AS TERRAS POR ONDE ANDEI

SENHORA

Meu rapaz, que estradas tomou?
Parece cansado e abatido, me diga:
Que estradas tomou?
Acaso achou quem responda,
Me diga se encontrou
Seu tesouro buscado depende:
De que estradas tomou?
Eu por várias trilhas segui,
E o destino pra cá me mandou
Antes não sabia o caminho, mudei
E de repente algo se transformou
Quando menina, tranquei-me em mim
Não tive a coragem de investir
Numa aventura, saindo de mim
Pra encontrar o que faltava aqui
Mesmo não tendo começado cedo
Segui minha estrada, venci os meus medos
Hoje me descobri, e aqui estou
E pergunto a você:
Que estradas tomou?

Andarilho ensaio uma nova pergunta para a senhora mas antes que pudesse fazê-la percebeu que ela já ia longe, a cantarolar... Percebeu que a senhora havia esquecido ali a caixa que levava desde o início da jornada...

CENA 19 – A ÁRVORE DOS SONHOS

ANDARILHO, MÍMICO (COM BONECO) E ÁRVORE DOS SONHOS

Do lado oposto por onde caminhava a senhora andarilho percebeu uma pessoa se aproximando.

ÁRVORE DOS SONHOS – Boa noite, jovem andarilho.

ANDARILHO – Boa noite, senhor.

ÁRVORE DOS SONHOS – Encontrou o que buscava?

ANDARILHO – Oxi, como o senhor sabe de minha busca?

ÁRVORE DOS SONHOS – No fundo todos buscam algo, meu jovem. Mesmo que alguns nem saibam que estão buscando, eles estão...

ANDARILHO – Mas que papo sem pé nem cabeça esse...

ÁRVORE DOS SONHOS – Nessas minhas andanças conheci os desejos mais íntimos dos homens... gente que queria corda pra amarrar marido frouxo, casinha de cachorro, pedaço de bolo, panela que cozinha sozinha, ampulheta com gênio encantado e até os segredos da vizinha...

ANDARILHO – E como o senhor soube de todos esses anseios?

ÁRVORE DOS SONHOS – Essa é a minha função. Sou um realizador de sonhos. Mas cada um poderá ter de mim apenas um único desejo realizado.

MÚSICA: ÁRVORE DOS SONHOS

ÁRVORE DOS SONHOS

Existe razão de existir neste mundo

Quando do sonho a realidade se espelha

Pode um jovem almejar a guerra

Enquanto o velho espera da morte e paz

Teu desejo é tu quem o fazes

Sem máscaras nem disfarces

Pois no lugar onde teu tesouro guardes
Aí guardas também tua verdade
Podes almejar apenas sabedoria
E com ela construir rica simplicidade
Podes ansiar riqueza a qualquer custo
E com ela construir uma mansão vazia
Mas pouco adianta tentar fugir da tua realidade
Tu és o teu desejo mais forte
E não importa se ele é mesquinho ou nobre
Tua escolha a ele te levará
Mesmo que a mil homens tenhas de assassinar
A tua vontade sempre vai prevalecer
Enquanto não souberes quem tu és
Pelos desejos serás dominado
Enquanto no fundo pouco te conheceres
Assim da Árvore escolhe um único anseio
Colha teu mais forte desejo
O tesouro que a tua vida satisfaz
Depois se te arrependeres
Só o tempo irá dizer
Agora do fruto da Árvore deverás colher
E quem sabe um dia a ti mesmo entenderás

ANDARILHO – Mas que desatino! Todos os sonhos pendurados mas só um deve ser almejado. Como uma coisa dessa pode existir? Eu não sei o que fazer, como posso só um deles escolher? Cadê aquela senhora que encontrou seu caminho, pra me ajudar e eu não ter que decidir isso sozinho? (*Andarilho lembra*

da caixa esquecida) Lembro que ela me disse que algum estranho lhe deu esse presente, e que deveria abrir quando estivesse mais carente. Acredito ser esse meu momento de precisão, espero que seu conteúdo me aponte a solução. *(Andarilho abre a caixa e de lá retira um espelho).*

Um Clown manipulando um boneco aparece atrás dele.

BONECO – Vamos, deixe de moleza, escolha um prêmio de riqueza.

CLOWN – Não dê ouvido ao boneco maluco que só faz confusão.

BONECO – Melhor ser maluco do que sofrer no sertão.

CLOWN – Quem ama a riqueza sozinho termina.

BONECO – Antes só do que mal acompanhado, eis a melhor sina.

ANDARILHO – Eu, brasileiro, sertanejo, nordestino, corpo de homem, alma de menino. Eu, aventureiro, pele dourada do sol, pés calejados da estrada, olhos fitados d'alma de quem não caminha só. Já sei o que eu mais desejo, eu desejo "Água de fazer chuva" pra inundar essa estrada de pó.

A Árvore dos Sonhos entrega uma garrafa a Andarilho que a abre e começa a chover.

CENA 20 – ÁGUA DE FAZER CHUVA

ANDARILHO, MÃE E CORO

Andarilho ouve a voz de sua mãe lhe chamar:

MÃE – Ta caindo chuva do céu, bendito milagre. Desse solo há de brotar felicidade, feijão, milho, arroz e muita dignidade. Vem ajudar sua mãe a tirar a roupa do varal que essa chuva há de inundar os corações sertanejos, brotar os melhores desejos, nessa saga de amor sem final.

CORO – E naquela noite foi uma festança retada, meninos brincando na lama e o povo dançando na praça. Os mais velhos disseram que nunca tinham visto do céu cair tanta água. Andarilho então percebeu que estava de volta a sua vila sem ter dado nenhum passo na trilha. Como que por encanto tudo ainda era antes, o mesmo povo, a mesma festa e a mesma mãe querida, não tinha acontecido nem a despedida. Ele ficou confuso, mas resolveu não questionar os grandes milagres da vida.

MÚSICA: ESTRADA DE PÓ DE OURO

TODOS

Eu vou pelo mundo descobrir meu passo

Serrar meu compasso fazer minha história crescer

Deitar às estrelas, ouvir o luar

Beber das nascentes, me desenrolar

Fazer amizades, seguir meu destino

E me aventurar, eu vou já, eu vou já...